

Associação Nacional de História – ANPUH  
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

**Do jornal ao livro: a organização da coletânea de contos *Papéis Avulsos***

Daniela Magalhães da Silveira\*

**Resumo:**

Este trabalho apresenta reflexão sobre a organização da terceira coletânea de contos de Machado de Assis, *Papéis Avulsos*, editada em 1882. Por meio de leitura cruzada entre a publicação nos periódicos, das notas deixadas pelo autor no livro e de interpretação dos contos, tento compreender algo a respeito da sua relação com os leitores e também da forma como ele próprio lia e ressignificava suas histórias para atender a mudança de suporte.

**Palavras-chaves:** Machado de Assis, imprensa, contos brasileiros.

**Abstract:**

This work presents a reflection about the organization of the third collection of short histories written by Machado de Assis, *Papéis Avulsos*, which was edited in 1882. Through cross reading of the publication in periodicals, annotations left by the author in the book and the interpretation from the short stories, it attempted to understand the author's relationship with his readers, also to comprehend the way the author himself had read and resignified his stories in order to consider type changes from his publications.

**Keywords:** Machado de Assis, press, short histories.

A coletânea *Papéis Avulsos*, de Machado de Assis, foi organizada a partir de contos publicados em jornais e revistas entre novembro de 1875 e outubro de 1882. Para o livro, foram selecionadas 12 narrativas que ocuparam 300 páginas. Foram elas: “O alienista”, “Teoria do medalhão”, “A chinela turca”, “Na arca”, “D. Benedita”, “O segredo do Bonzo”, “O anel de Polícrates”, “O empréstimo”, “A sereníssima República”, “O espelho”, “Uma visita de Alcibíades” e “Verba testamentária”. Além dessas, seu autor ainda inseriu uma “Advertência” no começo do livro e, no final, as “Notas”. Os leitores das primeiras versões

---

\* Universidade Estadual de Campinas. Doutoranda em História Social da Cultura. Bolsista do CNPq.

tiveram em suas mãos *A Época*, *O Cruzeiro*, o *Jornal das Famílias*, *A Estação* e a *Gazeta de Notícias*.

Ao ser lançada essa coletânea, Machado já havia publicado outros dois livros de contos – *Contos Fluminenses* (1870) e *Histórias da Meia-noite* (1873) – selecionados dentre aqueles publicados no *Jornal das Famílias*.<sup>1</sup> Seguiu tendência geral de usar primeiro os periódicos como forma de divulgar seus escritos e criar um público leitor fiel. Ainda no início de sua carreira, já rendia reverências ao jornal como meio de comunicação que proporcionava discussão, aproveitando-se do calor da hora.<sup>2</sup> No decorrer dos anos, e com reconhecimento da crítica coeva, abriu suas histórias para várias leituras. Essa estratégia, talvez tenha feito com que, mesmo retiradas das páginas dos jornais, continuassem provocando os leitores. Essa foi uma de suas intenções ao preparar *Papéis Avulsos*.

Neste texto, o objetivo é pensar sobre o projeto de escrita dessa coletânea. Em primeiro lugar, buscarei pistas lançadas no próprio livro, na disposição dos contos e comentários do autor. Junto a isso, tentarei entender a opção por se publicar ora em revista de moda, ora em jornal de maior circulação e também o processo de escolha e reescrita para formar o livro. Tudo isso possibilita-nos buscar indícios sobre a relação daquele literato com seu público de leitores. Além mesmo da forma como lia essas histórias e as ressignificava, quando oferecia formato final. Essa coletânea foi quase sempre lida pela crítica literária como livro da segunda fase ou fase madura de Machado, recém-inaugurada com as *Memórias póstumas de Brás Cubas*.<sup>3</sup> Com algumas particularidades interessantes, não só pensando em suas antecedentes, mas também naquelas que seguiram, é comum encontrarmos leituras que não levam em consideração que algumas delas já vinham sendo escritas e reescritas havia algum tempo. Não houve de forma alguma uma ruptura em sua forma narrativa. Talvez adaptações ao suporte de escrita, às mudanças na imprensa e aos debates políticos e sociais que envolviam o autor. Tudo isso compôs longas e, às vezes, acirradas discussões presentes em vários jornais da época. Longe de ser voz dissonante, esse autor usava sua literatura como forma de intervenção em questões que interessavam a todos.

---

<sup>1</sup> A única exceção foi “Mis dólar”, publicada apenas em *Contos Fluminenses*. Para uma análise dessas duas coletâneas, ver AZEVEDO, S. *A trajetória de Machado de Assis: do Jornal das Famílias aos contos e histórias em livro*. (tese de doutorado). São Paulo, FFLCH-USP, 1990.

<sup>2</sup> Ver os seguintes artigos: Machado de Assis. “O jornal e o livro”. *Correio da Manhã*. 10 e 12/01/1859 e Machado de Assis. “A reforma pelo jornal”. *Correio Mercantil*. 23/10/1859.

<sup>3</sup> Essa é leitura corrente, desde as primeiras análises da obra de Machado de Assis, e que ainda hoje continua ganhando adeptos. Para uma interpretação dos seus contos, seguindo esse modelo, ver GLEDSON, J. “Os contos de Machado de Assis: o machete e o violoncelo”. In: ASSIS, M. *Contos/uma antologia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

A organização dos contos no livro não seguiu nem a ordem de publicação dos periódicos, nem foram agrupados de acordo com o jornal ou revista nos quais apareceram inicialmente. Ali reunidos ganharam sentidos que antes não possuíam. Podiam ser lidos a partir da proposta do autor ou aleatoriamente. Já não era necessário esperar o próximo número para saber o desfecho da trama, e também não dialogavam mais de forma tão direta com as notícias jornalísticas. Com isso, deixavam de ser tão datadas como quando pertenciam aos periódicos. Por outro lado, se já não tinham mais as notícias do dia ou da quinzena como suporte, os próprios contos do livro faziam com que os leitores encontrassem ligações que até então não existiam. Isso foi ajudado pelo autor em sua proposta organizativa. A história de abertura – “O alienista” – é a mais comprida e densa. Reúne vários temas centrais, que foram discutidos posteriormente e com mais detalhes nos outros contos. A disposição tende, portanto, a propor releituras, idas e vindas, na medida em que a todo o momento retoma as mesmas questões.

Além dos contos, a “Advertência” e as “Notas” preparadas para aquela edição ajudam-nos a pensar um pouco mais sobre as intenções e também em algumas leituras sugeridas pelo autor. A escolha do título, embora pudesse se referir à ausência de unidade, sua indicação era de que havia algum ponto de contato. Eram “avulsos”, mas “não vieram para aqui como passageiros, que acertam de entrar na mesma hospedaria. São pessoas de uma só família que a obrigação do pai fez sentar a mesma mesa”. (MACHADO DE ASSIS, 1882: s/p). Dentre os pontos de união, para começar, temos a própria autoria, pois são filhos do mesmo pai. Mas não era só isso. Como parte de um mesmo projeto, possuem também temas em comum, conforme já viemos discutindo. As questões centrais giravam em torno da própria literatura, passando pela política imediata e pelos debates que envolviam as acaloradas polêmicas em torno dos caminhos e descaminhos da ciência. Guardando várias semelhanças, por outro lado, como é comum entre irmãos, cada um deles possui aparência própria e singularidades. A forma narrativa escolhida ajudou a caracterizá-los e a dar feição específica. Diálogo, conferência, sonho, capítulo bíblico e de livro, carta, anedota e retrato ajudaram a compor essas especificidades.

Outra questão importante, levantada ainda na “Advertência”, versava sobre o gênero literário conto. Se para alguns aquelas histórias não poderiam ser classificadas como tal, o autor defendia-se usando São João e Diderot. O primeiro no sentido de mostrar que ali poderia ser encontrada alguma sabedoria, e o segundo enfatizando a alegria do espírito e a passagem do tempo. Por essa via, indica-nos um pouco daquilo que teria influenciado sua escrita. Aliás, vale a pena lembrar que o conto havia ganhado naqueles anos de 1880, vários

novos adeptos, para não falar no já reconhecido e várias vezes citado pelo próprio Machado, Edgard Allan Poe. Essa literatura era parte de movimento maior, em que a escrita de narrativas curtas e publicadas nos jornais ganhava espaço.

Para a compreensão da organização desse livro, as “Notas” são bastante importantes. Dispostas de A a F traziam informações específicas sobre alguns contos. Podem ser vistas também como espécie de guia aos leitores mais atentos. Logo de cara, Machado dizia responder a duas cartas anônimas que o repreenderam, quanto ao uso da palavra “reproche”, no “O alienista”, e usada outra vez na “Advertência”. Entre outros pontos, faz esclarecimentos sobre o periódico no qual publicou “A chinela turca” e revela que a versão inicial de “Uma visita de Alcibíades” passou despercebida aos leitores. Quanto ao sentido específico dos contos, afirma na “Nota E”, sobre “A sereníssima República” que, “este escrito, publicado primeiro na *Gazeta de Notícias*, como outros do livro, é o único que há um sentido restrito: - as nossas alternativas eleitorais. Creio que terão entendido isso mesmo, através da forma alegórica”. (MACHADO DE ASSIS, 1882: 300).

Machado explicava questões mais específicas e literárias, e, ao mesmo tempo, deixava entrever o quão grande era sua preocupação com os leitores. Ao editar a coletânea, respondia cartas e contava sobre o esquecimento de uma de suas páginas no *Jornal das Famílias*. Junto a isso indicava a existência de várias leituras possíveis para a mesma história. Algumas dentre essas previstas por ele próprio ao elaborá-las e outras que apareceram, seguindo as diversas experiências de seus leitores, seja de classe ou de gênero. Essa suposição da parte do autor precedia à própria organização do livro. Acompanhava-o desde a escolha do periódico no qual publicaria a primeira versão. Ao organizar *Papéis Avulsos*, Machado colaborava com mais regularidade na *Gazeta de Notícias* e na *Estação*. Foram esses dois que publicaram o maior número de contos seus nos anos de 1880. Enquanto *A Estação* era revista de moda e literatura, dedicada ao público feminino, a *Gazeta* levava aos leitores nova forma de fazer jornalismo. Muito mais barato e preocupado em atrair maior número de leitores. Sendo assim, nada mais apropriado do que buscar esse jornal para publicar história sobre as reformas eleitorais, já que aquela discussão permeava suas páginas havia tempo. Por outro lado, esse autor não menosprezou seu público feminino. Contando com larga experiência em escrever para as “gentis leitoras”, foi a *Estação* o escolhido para publicar a primeira versão daquela que abriu o livro.<sup>4</sup>

<sup>4</sup> A participação de Machado na *Estação* teve início em 1879 e durou praticamente até seus últimos anos. Além de contos, publicou também ali o romance *Quincas Borba*. Antes disso, no entanto, havia passado 14 anos escrevendo em outra revista de moda e literatura. Foi o *Jornal das Famílias* que recebeu seus primeiros escritos. Era uma publicação de B. L. Garnier, que teve nesse autor o principal colaborador. Sobre a participação de Machado de Assis nessa revista e sua relação com as leitoras, ver SILVEIRA, D. *Contos de Machado de Assis*:

Dentre aqueles que publicaram os contos de *Papéis Avulsos*, *A Época* foi o mais singular. Em suas páginas foi publicada “A chinela turca”, logo no primeiro número, de 14 de novembro de 1875. Apareceu na primeira página, em seguida à pequena introdução que afirmava ser o recém-lançado periódico, destinado “a apresentar, sob uma forma ligeira, uma opinião refletida sobre as diversas questões artísticas, literárias e políticas, que mais interessam ao nosso tempo”. (*A ÉPOCA*, 1875: 3) Seu redator principal foi Joaquim Nabuco, que, ao lado de outros amigos, assinavam seus artigos por meio de pseudônimos. Machado de Assis assinou como Manassés, e além da escolhida para integrar sua coletânea, ainda publicou, no segundo número, “O sainete”.<sup>5</sup> Um dos objetivos do conto que abriu o periódico, bem como da revista como um todo era refletir acerca da literatura que se produzia naquele momento. Machado retomava forma narrativa já usada, inspirada na literatura fantástica, sob influência de Poe, para colocar em debate a produção literária de má qualidade tão corrente. Para isso, usou periódico que tinha essa discussão como prioridade.

Da revista para a publicação em livro, as modificações em “A chinela turca” de maior efeito foram feitas tanto no primeiro, quanto no último parágrafo. Entretanto, se no começo o que foi feito não passou de rearranjo de palavras, para terminar, os cortes e inserções foram mais profundos. Se em ambas as versões podem ser observadas a intenção de deixar lição ao leitor, na *Época*, isso parece mais claro e sintético, seguindo a mesma tendência da grande maioria de suas histórias, escritas nos anos de 1870: “Livre do pesadelo, Duarte despediu-se do major jurando a si próprio nunca mais assistir à leitura de melodramas, sejam ou não obras de major. É a moralidade do conto”. (*MACHADO DE ASSIS*, 1875: 6) Esse mesmo parágrafo, no livro, passou a ser:

*Duarte acompanhou o major até a porta, respirou ainda uma vez, apalpou-se, foi até a janela. Ignora-se o que pensou durante os primeiros minutos; mas, ao cabo de um quarto de hora, eis o que ele dizia consigo: - Ninfa, doce amiga, fantasia inquieta e fértil, tu me salvaste de uma ruim peça com um sonho original, substituíste-me o tédio por um pesadelo: foi um bom negócio. Um bom negócio e uma grave lição: provaste-me que muitas vezes o melhor drama está no espectador e não no palco. (*MACHADO DE ASSIS*, 1882: 125).*

Ao recontar o mesmo parágrafo, uma pimentinha a mais foi colocada. O sentido da “lição” ganhou maior amplitude por inserir as trocas entre espetáculo e espectador. Essa necessidade de apurar cada vez mais seus escritos levava-o, ao reescrever certos trechos, a

---

*leituras e leitores do Jornal das Famílias*. Campinas, SP, Dissertação de Mestrado em História, 2005.

<sup>5</sup> “O sainete” foi um dos contos desprezados por Machado, não aparecendo em nenhuma coletânea por ele organizada. Tinha como tema central um daqueles tão usados no *Jornal das Famílias* naquela época, ou seja, o casamento. Dirigia-se diretamente às possíveis leitoras da revista tanto no começo, como no final da história. Aliás, apresentava até mesmo as diferenças de compreensão daquilo que escrevia entre os dois sexos.

não apenas aperfeiçoar o estilo, como também a propor novas formas de leituras. Nem sempre o que houve foi tentativa de esclarecimento. Foi mais comum a inserção de elementos que jogavam com aquilo que pudesse parecer obvio em leitura inicial. Seu papel como escritor parecia um pouco mais complexo do que a proposta daqueles que imaginavam guiar a sociedade por meio de literatura infestada por supostas dicas de comportamento. Preocupava-se com seus leitores, e tentava propor leitura comprometida com a realidade social de cada um deles. Ao levar a história do jornal para o livro, funcionava como leitor de si mesmo e da recepção outrora obtida.

Enquanto esse conto sobre literatura compôs revista que tinha como subtítulo “*fantasias, romances, letras, teatros, belas-artes*”, outras apareceram num jornal de modas. A participação de Machado de Assis na *Estação – jornal ilustrado para a família* foi longa e reveladora de detalhes sobre sua relação com as leitoras. Para *Papéis Avulsos*, foram escolhidos de lá “O alienista” e “D. Benedita”. Ambas reúnem discussões que a cada dia cresciam mais tanto naqueles dedicados às famílias, como também em jornais de maior circulação. Entre outros temas, focalizam em especial as questões científicas. Para isso, no entanto, não deixava de buscar aproximação com aquelas páginas, suas seções e principais discussões, e por esse caminho também com suas leitoras. Nesse sentido, a cuidadosa construção das personagens femininas foi recurso muitas vezes utilizado. Em “O alienista”, a esposa do Dr. Bacamarte logo no primeiro capítulo é traçada como alguém que “reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeriria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes”. (MACHADO DE ASSIS, 1881) Essa descrição ia ao encontro daquilo que se enfatizava nas seções de higiene da revista. No entanto, D. Evarista desmentiu todas aquelas teorias, não conseguindo gerar filho algum.

Nesse conto, Machado ainda continuou seguindo essa linha de raciocínio nos capítulos seguintes. As causas da internação de D. Evarista foram definidas a partir da crescente vaidade da mulher. Sempre preocupada com as “sedas, veludos, rendas e pedras preciosas”, chegando a ponto de passar toda uma noite indecisa quanto ao uso de um colar. A estratégia de inserir falas que poderiam ser ouvidas em outras seções era maneira de tornar sua narrativa mais fluente, e até mesmo mais atrativa àquelas que formavam seu público leitor majoritário. Por mais que existissem inúmeras outras discussões propostas naquelas histórias, havia certa entrada para as mulheres que em conseqüência acabavam sendo levadas a refletir sobre questões consideradas do domínio masculino. Além disso, enquanto as outras seções da revista tendiam a apresentar guias de comportamento pré-definidos, Machado de Assis se

colocava como interlocutor, alguém pronto para questionar instituições vistas como essenciais para o bom andamento social, como, por exemplo, a maternidade e o casamento.

Em “D. Benedita”, por outro lado, a personagem feminina que intitula o conto havia realizado aquilo que era considerado a função máxima das mulheres. Mas nem por isso, ou quem sabe exatamente por esse motivo, era carregada de contradições. Era mãe de dois filhos, e, além disso, ainda tomava conta sozinha da casa, já que seu marido havia sido enviado como presidente para alguma província do Norte. Mesmo este tendo encontrado outra mulher por lá, D. Benedita mantinha na Corte as aparências do casamento, escrevia cartas comunicando sobre a educação dos filhos e, até mesmo depois de morto, cumpria todos os passos de sua viuvez. Das 7 histórias escritas na *Estação*, Machado de Assis selecionou apenas essas duas para *Papéis Avulsos*. Ou talvez seja mais apropriado pensar que das histórias dessa coletânea apenas essas foram escolhidas para integrar as páginas da revista feminina.

Além dessas revistas, os contos de *Papéis Avulsos* ainda foram publicados em dois jornais. Usou o espaço de folhetim do *Cruzeiro* e da *Gazeta de Notícias*. No primeiro, publicou em 14 de maio de 1878, “Na arca”,<sup>6</sup> e para a *Gazeta* foram reservadas oito histórias. Com esses números, podemos imaginar como foi fértil para sua produção colaborar nessa folha. Sua primeira participação foi com “Teoria do medalhão”, em 18 de dezembro de 1881. Parecia importar-se de fato em ter naqueles leitores seu público. Porque a última história que formaria o livro foi publicada apenas alguns dias antes da primeira crítica ao livro sair nos jornais. Era sua antiga crença de que o jornal superava o livro, levando o frescor das idéias. As inovações apresentadas pela *Gazeta* ofereciam a Machado mais um espaço de debate. Ajudava na construção da imprensa como espaço privilegiado de discussão. Por isso, seus contos apresentam, muitas vezes, possibilidades de leituras diversas daquilo que apareciam em outras seções do jornal, embora o tema fosse idêntico. Uma das principais discussões propostas referia-se aos debates científicos, às teorias darwinistas e positivistas e às inovações da medicina.

Ao tratar das variações no processo eleitoral, ou mais exatamente sobre a aprovação da lei Saraiva de 1881, em “A sereníssima república”, na *Gazeta de Notícias*, começava referindo-se aos estudos de Darwin e Büchner. Colunas intituladas *sciencia* apareciam aos montes não só nesse jornal, como na grande maioria dos publicados àquela época. Então, mesmo que não fosse para tratar desse tema, a questão serviu de porta de

---

<sup>6</sup> A participação de Machado de Assis no *Cruzeiro* teve início com a publicação dos folhetins que formaram *Iaiá Garcia* logo no primeiro número do jornal, de 01 de janeiro de 1878. Depois disso, continuou ocupando aquele mesmo espaço, com críticas literárias, crônicas e contos. Muitas vezes usou o pseudônimo Eleazar.

entrada. O tema que, segundo sua própria nota, restringia o conto, também era um dos que mais discussão havia causado. A *Gazeta de Notícias*, aliás, já havia brigado para garantir o direito de manter seus leitores informados sobre os andamentos da questão que tantas controvérsias causavam. Os contos publicados nos jornais guardavam muito daquilo que esse autor havia definido como calor da hora.

Machado de Assis fazia assim questão de escrever suas histórias em jornais e revistas. Além do mais era aquele o suporte de maior tiragem, e também por isso com maior número de leitores. Do jornal para o livro tentava manter algo da atmosfera dos jornais. Sabia da impossibilidade disso, e não deixava de ter naquelas efêmeras folhas primeiro suporte para seus escritos. Quando os selecionava, e editava suas coletâneas, em especial, *Papéis Avulsos*, não buscou apenas os mais recentes. Além disso, tinha consciência de que seu maior número de leitores não era formado por aqueles que compravam livros, mas pelos leitores daqueles periódicos. Portanto, sua intenção ao lançar a coletânea não foi apenas vender livros, mas a de buscar novo público, propor novas leituras para suas histórias, e, especialmente, oferecer característica de menor transitoriedade para aqueles escritos. Levados para o livro a chance de caírem no esquecimento era muito menor. Passariam a ser usados nas escolas e serviriam para a formação de novos leitores, trazidos com tempo.

### **Fontes e referências bibliográficas:**

*A Época*, 1875.

*A Estação*, 1881- 1822

*Correio da Manhã*, 10 e 12/01/1859.

*Correio Mercantil*, 23/10/1859.

*Gazeta de Notícias*, 1881-1882.

*O Cruzeiro*, 1878.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Papéis Avulsos*. Livraria Garnier, 1882.

AZEVEDO, Sílvia Maria. *A trajetória de Machado de Assis: do Jornal das Famílias aos contos e histórias em livro*. Tese de doutorado em Teoria literária, USP, 1990.

GLEDSON, John. “Os contos de Machado de Assis: o machete e o violoncelo”. In: ASSIS, M. *Contos/uma antologia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVEIRA, Daniela Magalhães da. *Contos de Machado de Assis: leituras e leitores do Jornal das Famílias*. Dissertação de Mestrado em História, Unicamp, 2005.